

1

Pimentel

Português e Interpretação de Texto



**Provas analisadas e comentadas
de concursos públicos**

VOCÊ, AGORA, DISPÕE DOS RECURSOS PARA A SUA APROVAÇÃO

**As exigências nas provas de Português
tendem a aumentar, mas você
superará as inevitáveis
dificuldades do próximo concurso.**

Há pouco mais de dez anos, acompanho a aplicação de provas de concursos públicos em todo o País, especificamente, na área de Português. Dessa metódica observação, constatou-se um aumento gradual na qualidade e sofisticação na elaboração das questões, exigindo do concursando conhecimentos cada vez mais acurados da matéria. A palavra de comando, no atual momento, é aproveitar para conhecer as sutilezas que ocultam verdadeiras armadilhas nas provas de concurso público. “O segredo reside em saber onde essas armadilhas são colocadas pelas organizadoras de concurso, no rápido transcurso de uma prova de Português.” Como? Em primeiro lugar, dedicando alguns minutos diários para o estudo do conteúdo deste trabalho. Em continuação, você fará exercícios, reflexões e conhecerá relevantes segredos e, por fim, verá que não é tão difícil, assim, “gabaritar” a prova de Português e interpretação de texto de seu próximo concurso.

Bons estudos!

O autor.

SIGA AS INSTRUÇÕES, A SEGUIR,
PARA MELHOR APROVEITAMENTO DESTE FASCÍCULO.

- Responda todas as questões da prova apresentada nas primeiras páginas.
- Confira suas respostas pelo gabarito simples, apresentado ao final da prova.
- Leia todo o gabarito comentado, detendo-se, mais demoradamente, nas questões que você, porventura, errar.

Direitos reservados pelo autor.

Prova do
MINISTÉRIO PÚBLICO DA UNIÃO
Concurso Público para provimento de cargos de
Analista – Área Administrativa
Fundação Carlos Chagas

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto apresentado abaixo.

1. *Os mitólogos costumam chamar de imagens de mundo certas estruturas simbólicas pelas quais, em todas as épocas, as diferentes sociedades humanas fundamentaram, tanto coletiva quanto individualmente, a experiência do existir. Ao longo da história, essas constelações de ideias foram geradas quer pelas tradições étnicas, locais, de cada povo, quer pelos grandes sistemas religiosos. No Ocidente, contudo, desde os últimos três séculos uma outra prática de pensamento veio se acrescentar a estes modos tradicionais na função de elaborar as bases de nossas experiências concretas de vida: a ciência. Com efeito, a partir da revolução científica do Renascimento as ciências naturais passaram a contribuir de modo cada vez mais decisivo para a formulação das categorias que a cultura ocidental empregará para compreender a realidade e agir sobre ela.*

- Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas. Ernesto Sábato assinala com precisão que todas as vezes que se pretendeu elevar um enunciado científico à condição de dogma, de verdade final e cabal, um pouco mais à frente a própria continuidade da aplicação do método científico invariavelmente acabou por demonstrar que tal dogma não passava senão... de um equívoco. Não há exemplo melhor deste tipo de superstição que o estatuto da noção de raça no nazismo.*

(Luiz Alberto Oliveira. "Valores desluzantes: esboço de um ensaio sobre técnica e poder", in **O avesso da liberdade**. Adauto Novaes (org). São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 191)

1. No primeiro parágrafo, o autor
- (A) fornece uma descrição objetiva do modo como, ao longo da história, germinam e se desenvolvem as *imagens do mundo*, expressão emprestada aos mitólogos.
 - (B) ratifica a ideia, construída ao longo da trajetória humana, de que o pensamento científico é a via mais eficaz para o conhecimento da realidade.
 - (C) atribui a idiosincrasias culturais as distintas representações daquilo que legitimaria as práticas humanas.
 - (D) defende que as sociedades humanas, apoiadas na religião ou em mitos variados, constroem imagens para autenticar a experiência individual perante a coletiva.
 - (E) expressa sua compreensão de que, fora do âmbito racional, não há base sólida que fundamente a vida dos seres humanos.

0o0-0o0-0o0

2. Ainda sobre o primeiro parágrafo, é correto afirmar:
- (A) O emprego da conjunção *contudo* (linha 8) evidencia que o autor considera os modos tradicionais de conceber o mundo incompatíveis com a ciência, que os substitui.
 - (B) Contém, implicitamente, a ideia de que a capacidade cognitiva é conquista do mundo ocidental, principalmente nos últimos trezentos anos.
 - (C) O emprego da expressão *Com efeito* (linhas 11 e 12) colabora para a consolidação da ideia de que a observação dos fenômenos naturais foi conquista do Renascimento.
 - (D) Sustenta a ideia de que, a partir do Renascimento, as ciências desenvolveram normas práticas para a conduta humana, com respeito a valores na esfera individual ou coletiva.”

- (E) A forma verbal *empregará* (linha 15) evidencia que o autor dá como fato consumado o prestígio da ciência, do Renascimento em diante, na constituição do modo ocidental de pensar e agir.”

Oo0-0o0-0o0

3. No parágrafo 2,

- (A) a conjunção *Mas* (linha 17) foi empregada não para eliminar o que foi dito anteriormente, e, sim, para introduzir uma contrapartida do objeto, fruto de distinta perspectiva de análise.
- (B) constrói-se uma relativização das conquistas da ciência, sustentada na crítica de que ela se vale de procedimentos pouco objetivos na busca da verdade.”
- (C) constata-se o caráter incontrolável das experiências científicas, implicitamente atribuído às condições de descontinuidade em que se realizam.
- (D) a expressão *necessariamente provisórios* (linhas 18 e 19) compõe uma advertência, dirigida a filósofos, poetas e místicos, que desconsideram a objetividade na produção do saber.
- (E) incentiva-se a luta do ser para a constante superação de suas fragilidades pessoais, advindas de sua humana condição e permanente sujeição ao erro.

Oo0-0o0-0o0

4. É correto afirmar:

- (A) Infere-se do texto que os distintos discursos — religioso, filosófico, artístico, científico —, quando formalizam, cada um a seu modo, os dogmas da humanidade, na verdade estão conscientemente burlando o espírito que orienta cada específica prática.

- (B) O texto demonstra que superstições surgem nos mais diversos campos do conhecimento, e são elas que, através do tempo, configuram o estatuto do humano.
- (C) O texto esclarece que é uma pretensão imprópria aspirar a conquistas que, duradouras, podem acabar por se constituir em meros passos de um trajeto insuperável.
- (D) Seria coerente com as ideias expressas no texto o seguinte comentário, suscitado pelo exemplo dado: “O nazismo, por mais assustador que seja o fato, não foi isento de racionalidade.”
- (E) No texto exprime-se o entendimento de que é comum a várias práticas de pensamento, excluindo-se o mítico, defender que o espírito humano é capaz de atingir o saber pleno.

0°0-0°0-0°0

5. É correto afirmar que

- (A) a conjunção *quer*, repetida (linhas 6 e 7), estabelece uma comparação entre os termos aproximados, indicando a superioridade de um sobre o outro.
- (B) a forma verbal *têm* (linha 17) está em conformidade com as normas gramaticais, assim como a forma verbal destacada em “Embora eles não lhe dêm razão, ela sabe que está certa”.
- (C) o emprego do sinal gráfico indicativo da crase está correto em *sujeitos à superação* (linha 19), assim como está em “Chegaram à propor um acordo, mas não foram ouvidos”.
- (D) a transposição da frase *essas constelações de ideias foram geradas quer pelas tradições étnicas (...) quer pelos grandes sistemas religiosos* (linhas 5 a 7) para a voz ativa gera a forma verbal “costumam gerar”.

- (E) o emprego de *melhor*, em *Não há exemplo melhor* (linha 30), está em conformidade com as normas gramaticais, assim como o seguimento assinalado em “Foram os exemplos mais bem escolhidos”.

Oo0-0o0-0o0

6. *Ernesto Sábato assinala com precisão que todas as vezes que se pretendeu elevar um enunciado científico à condição de dogma, de verdade final e cabal, um pouco mais à frente a própria continuidade da aplicação do método científico invariavelmente acabou por demonstrar que tal dogma não passava senão... de um equívoco.*

O adequado entendimento daquilo que assinala Ernesto Sábato está expresso, de forma clara e correta, em:

- (A) É perfeito o entendimento de dogma como verdade acabada, mas tem um desvio quando a ciência prova que o enunciado está ultrapassado, anulando o dogma equivocados, o que ocorreu em todas as vezes.
- (B) Sempre que se tentou eternizar uma formulação científica, a ciência, ela mesma, desautorizou a pretensão, quando, por seus próprios instrumentos, desvelou a imperfeição daquele saber.
- (C) Verdades finais e acabadas, verdadeiros dogmas, sempre existiram, mas, sendo do universo científico, a própria ciência se incumbiu de dar continuidade, tornando obsoleto o método.
- (D) Muitas vezes houve tentativa de construir dogmas, mas se revelou impossível, porque a ciência, desenvolvendo, provou mais para frente que o enunciado científico não tinha fundamento real.
- (E) É frequente ver o que a continuidade faz, pois a ciência, responsável pelo método, mostra o erro dos dogmas que, antes precisos, acabam invariavelmente provocando equívocos, como universalmente demonstrado.

Oo0-0o0-0o0

Atenção: As questões de números 7 a 15 referem-se ao texto apresentado abaixo.

1. *Os vadios eram um grupo infrator caracterizado, antes de mais nada, por sua forma de vida. Era o fato de não fazerem nada, ou de nada fazerem de forma sistemática, que os tornava suspeitos ante a parte bem organizada da sociedade. Por não terem laços – a família, domicílio certo, vínculo empregatício – constituíam um grupo fluido e indistinto, difícil de controlar e até mesmo de enquadrar. Passados os primeiros tempos dos descobertos auríferos, quando, como disse o jesuíta Antonil, os arraias foram “móveis como os filhos de Israel no deserto”, a itinerância passou a ser cada vez mais tolerada. Em 1766 surge contra os vadios das Minas a primeira investida oficial de que se tem notícia: uma carta régia dirigida em 22 de julho ao governador Luís Diogo Lobo da Silva, e incisiva na condenação da itinerância de vadios e da forma peculiar de vida que escolhiam. Tais homens, dizia o documento, vivem separados do convívio da sociedade civil, enfiados nos sertões, em domicílios volantes, ou seja, sem residência fixa. Isto não podia ser tolerado, e deveriam passar a viver em povoações que tivessem mais de cinquenta casas e o aparelho administrativo de praxe nas vilas coloniais: juiz ordinário, vereadores etc. Uma vez estabelecidos, ser-lhes-iam distribuídas terras adjacentes ao povoado para que as cultivassem, e os que assim não procedessem seriam presos e tratados como salteadores de caminhos e inimigos comuns.*

(Laura de Mello e Souza. “Tensões sociais em Minas na segunda metade do século XVIII”, In **Tempo e história**, org. Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal da Cultura, 1992, p. 358-359)

7. No texto, o autor

- (A) põe em foco um determinado estrato social, particularizando uma tentativa de disciplinamento oficial.
- (B) desenvolve considerações minuciosas a respeito do tema central de seu discurso: a carta de Luís Diogo Lobo da Silva.

- (C) narra um específico episódio ocorrido em Minas, tomado como exemplo do que se pode esperar da ação de grupo de infratores.
- (D) lança hipóteses sobre as causas de um determinado comportamento social, depois de caracterizá-lo a partir da teoria de pesquisadores, religiosos ou não.
- (E) toma os dados de pesquisa histórica como apoio para expressar e justificar o seu próprio juízo de valor acerca de infratores.

0o0-0o0-0o0

8. Considere as afirmações que seguem sobre a organização do texto.
- I. No processo de argumentação, o autor valeu-se de testemunho autorizado.
 - II. A fala do jesuíta constitui argumento para a consolidação da idéia de que *a itinerância passou a ser cada vez mais tolerada*.
 - III. A data de 1766 foi citada como comprovação explícita de que o rei era realmente signatário da carta.

Está correto o que se afirma SOMENTE em

- (A) I.
- (B) II.
- (C) III.
- (D) I e II.
- (E) II e III.

0o0-0o0-0o0

9. Observado o contexto, está corretamente entendida a seguinte expressão do texto:
- (A) *nada fazerem de forma sistemática* — nada produzirem de modo tecnicamente plausível.
 - (B) *um grupo fluido e indistinto* — um conglomerado espontâneo e informal.
 - (C) *difícil de controlar e até mesmo de enquadrar* — não passível de organizar e mesmo dominar.

- (D) *Passados os primeiros tempos dos descobertos auríferos* — esgotadas as primeiras jazidas de ouro.
- (E) *forma peculiar de vida que escolhiam* — singular maneira que se concediam de estar no mundo.

0o0-0o0-0o0

10. *Em 1766 surge contra os vadios das Minas a primeira investida oficial de que se tem notícia.*

Considerado o contexto, uma outra redação para o segmento destacado acima, que está correta e que não prejudica o sentido original, é:

- (A) cuja existência se conhece.
- (B) da qual a notícia foi dada.
- (C) que a notícia foi veiculada.
- (D) na qual se tem o registro.
- (E) de que a notícia chegou até nós.

0o0-0o0-0o0

11. Observadas as 8 linhas iniciais do texto, é correto afirmar:

- (A) A expressão *por sua forma de vida* constitui uma explicação.
- (B) No segmento *Era o fato de não fazerem nada ou de nada fazerem de forma sistemática*, a conjunção *ou* introduz uma retificação do que se afirmou anteriormente.
- (C) Em *que os tornava suspeitos*, o deslocamento do pronome destacado para depois do verbo atenderia ao que a gramática aconselha como preferência.
- (D) A preposição *ante* equivale a “versus”.
- (E) Como em *fluido*, a grafia do particípio do verbo “imbuir” não admite o acento, estando, correta a forma “imbuido”.

0o0-0o0-0o0

12. Considerando as linhas 8 a 16, é correto afirmar:

- (A) Em *como disse o jesuíta*, *como* equivale a “mediante”.
- (B) Em “*móveis como os filhos de Israel no deserto*”, as aspas indicam que a frase deve ser entendida em sentido figurado.
- (C) O emprego da palavra *arraiais* contribui para a produção do sentido de “moradia provisional” tratado no fragmento.
- (D) No segmento *a itinerância passou a ser cada vez mais tolerada*, a expressão *passou a ser* é a que exprime a ideia de progressão.
- (E) Os dois-pontos introduzem uma citação.

Oo0-0o0-0o0

13. *Tais homens, dizia o documento, vivem separados do convívio da sociedade civil, enfiados nos sertões, em domicílios volantes, ou seja, sem residência fixa. Isto não podia ser tolerado, e deveriam passar a viver em povoações que tivessem mais de cinquenta casas e o aparelho administrativo de praxe nas vilas coloniais: juiz ordinário, vereadores etc.*

Observado o contexto, é correto afirmar que, no fragmento acima,

- (A) a expressão *sociedade civil* equivale a “conjunto de todos os membros que constituem o tecido social, unidos em torno de ideias, pactos e acordos, sem hegemonia nem exclusão de nenhum grupo”.
- (B) a voz do autor mistura-se à voz do remetente da carta, como o comprova o emprego, respectivamente, das formas verbais *podia* e *vivem*.
- (C) a expressão *ou seja* introduz uma explicação, obrigatória para a compreensão do documento, visto que *domicílios volantes* constitui uma incompatibilidade em termos, sem possibilidade de conciliação.
- (D) o emprego da expressão *de praxe* evidencia que, na carta, buscava-se neutralizar qualquer tom que pudesse ser entendido como intimidação.
- (E) a oração *deveriam passar a viver em povoações* expressa uma suposição.

Oo0-0o0-0o0

14. *Uma vez estabelecidos, ser-lhes-iam distribuídas terras adjacentes ao povoado para que as cultivassem, e os que assim não procedessem seriam presos e tratados como salteadores de caminhos e inimigos comuns.*

Sobre o que se tem no período acima transcrito, é correto afirmar:

- (A) A expressão *uma vez* comunica a mesma ideia que o segmento destacado exprime em “uma vez que ele se curou, não precisa mais de cuidados médicos”.
- (B) O termo destacado em *os que assim não procedessem* refere-se à ação de optar por ser estabelecido.
- (C) A gramática prescreve que o vocábulo *adjacentes* seja assim separado em sílabas: “a – dja – cen – tes”.
- (D) Há um subentendido no fragmento: no século XVIII, os *vadios* recebiam tratamento diferenciado em relação a outros grupos considerados infratores.
- (E) Em *tratados como salteadores*, o termo destacado está empregado com o mesmo valor que se nota em “Como cheira bem a sua caldeirada!”.

Oo0-0o0-0o0

15. *Uma vez estabelecidos, ser-lhes-iam distribuídas terras adjacentes ao povoado para que as cultivassem.*

Uma outra redação para o segmento destacado acima, que, clara e correta, não prejudica o sentido original é:

- (A) sendo-lhes divididas as terras pertencentes ao povoado, poderiam cultivá-las.
- (B) com o objetivo de que tornassem produtivas, receberiam, entre eles, as terras próximo à vila.
- (C) eles seriam aquinhoados com áreas contíguas à vila, a fim de que as lavrassem.
- (D) compartilhariam entre si glebas em anexo ao povoado, de modo que beneficiassem.
- (E) salvo se lavrassem, receberiam por distribuição áreas incorporadas ao povoado.

Oo0-0o0-0o0

16. A frase que está totalmente de acordo com o padrão culto é:

- (A) Vossa Senhoria, senhor Ministro, poderíeis me receber amanhã em audiência, para que lhe entregue pessoalmente meu projeto?

- (B) Ele é ambidestro, sabe até desenhar com ambas mãos, mas jamais quiz colocar sua habilidade em evidência.
- (C) Queria sair com nós três, não sei bem por quê; talvez haja assuntos sobre os quais ela queira nos colocar a par.
- (D) Essas pinturas são consideradas as maiores obras-de-artes do período, mas nada tem haver com a temática que você quer estudar.
- (E) Ela vivia dizendo “Eu mesmo desenho meu futuro”, mas essa era uma forma dela ocultar sua relação mau resolvida com os pais.

Oo0-0o0-0o0

17. A frase que está pontuada de acordo com os preceitos da gramática é:

- (A) Mas é preciso ver nos textos, como o autor apresenta a relação de conciliação essencial entre a consciência cristã; e as práticas de eficácia temporal.
- (B) Pois bem: se ele não os induziu a responderem, o que desejava que fosse respondido; o que é que ele fez?
- (C) Basta então, que se conheçam as normas de organização social do período para que sejam compreendidas, em suas minúcias os atritos delas decorrentes.
- (D) As histórias relatadas nos seus romances iniciais — que se distinguem, sensivelmente, dos relatos mais recentes — são, na sua maioria, fruto da influência da cultura irlandesa.
- (E) A ação deles é, portanto, embora pouco divulgada, digna de reconhecimento, dos que os apoiaram nas mais diversas, circunstâncias.

Oo0-0o0-0o0

18. A frase em que a forma destacada está apropriada às normas gramaticais é:

- (A) Congregou-os o mesmo sincero desejo de fazer algo relevante pela comunidade.
- (B) Quem disse que ele constroe toda essa argumentação sem apoio de advogados?
- (C) Isso não é pertinente com os fins a que você visa com seu projeto.
- (D) Eles enganam-se a si próprios, persuadidos que tudo está sendo feito em busca da paz.

- (E) Espero que ele medie a reunião com a isenção de espírito de que todos necessitamos.

0o0-0o0-0o0

19. A frase que está corretamente redigida é:

- (A) Naquele ambiente taciturno, é como se, a cada passo, descobrimos uma possibilidade longínqua de sair ilesos.
- (B) Acompanhei os noticiários, e, pelo o que está se vendo, muitos não chegarão onde desejam no horário previsto.
- (C) Aquele era o hotel onde costumava frequentar durante o período que não conhecia problemas financeiros.
- (D) Os detalhes eram tão minuciosamente apresentados, que o leitor chega ter acesso até a informação de qual das mãos segurava a taça de champanhe.
- (E) A maneira como os bilhetes foram escritos não deixará dúvidas acerca do que deve ser feito, sob a responsabilidade seja de quem for.

0o0-0o0-0o0

20. A concordância está totalmente de acordo com a norma padrão da língua em:

- (A) Acredito que as orientações dele, porque parecem pouco claro, não terão de serem seguidas antes de um esclarecimento maior.
- (B) Considerou digna de ser encaminhada a julgamento dos avaliadores a última versão do projeto-piloto, pois, se podem existir fragilidades, elas certamente hão de ser mínimas.
- (C) Elas se consideram responsável pelo erro e julgaram legítimo as cobranças que lhe serão feitas de agora em diante.
- (D) Dado as contingências do momento, os diretores houveram por bem atender aos prazos, e prometeram reavaliar, tanto quanto fossem, as demais exigências do contrato.
- (E) Devem fazer mais de três meses que não os vejo; tantos dias de afastamento poderia ser entendido como descaso, mas quero dizer que lhes dedico muito afeto.

GABARITO SIMPLES

01 – C	05 – E	09 – E	13 – B	17 – D
02 – E	06 – B	10 – A	14 – D	18 – A
03 – A	07 – A	11 – B	15 – C	19 – E
04 – D	08 – D	12 – C	16 – C	20 – B

QUESTÕES E GABARITO COMENTADOS

QUESTÃO 1

“1. No primeiro parágrafo, o autor”

Vamos ao encontro da alternativa que está em conformidade com a ideia do autor.

Alternativa (A) - INCORRETA

“(A) fornece uma descrição objetiva do modo como, ao longo da história, germinam e se desenvolvem as *imagens do mundo*, expressão emprestada aos mitólogos.”

Nesta alternativa constatamos duas irregularidades. Uma inadequação e uma incoerência apresentadas, respectivamente, nos itens I e II, abaixo. Sabemos que para descartarmos uma alternativa, basta encontrarmos uma irregularidade apenas. Não sei se a FCC considerou a inadequação exposta no item I, a seguir. Se não a considerou, não tem importância, porque a incoerência exposta no item II, abaixo, nos autoriza a descartar a alternativa em análise como a que preenche os requisitos para a resposta.

I – No texto está escrito “*imagens de mundo*”. Na alternativa (A), “*imagens do mundo*”. A diferença está no uso ou não do artigo definido “o”, contraído com a preposição “de”. Esse artigo altera o significado da expressão. Veja:

– *imagens de mundo* = recursos internos com os quais os indivíduos interpretam suas experiências. Expressão largamente usada em psicologia.

– *imagens do mundo* = formas de representação do mundo físico. Podem ser fotografias, gravuras, pinturas dos mais variados aspectos e detalhes de nosso mundo físico como um pôr-do-sol, uma ilha solitária no oceano, um eclipse etc.

A National Geographic e a Discovery Chanel possuem muito mais *imagens do mundo* do que você. Pode ter certeza disso. Agora, *imagens de mundo*, você as tem em muito maior quantidade do que essas duas mídias. Particularmente, acredito que elas não possuam sequer uma só *imagem de mundo*.

II – A expressão que deveria ser “*imagens de mundo*” não foi emprestada aos mitólogos, como afirma essa alternativa. Pelo contrário, se o texto diz que *os mitólogos costumam chamar* (linha 1), é mais provável que eles tenham criado essa expressão, em vez de a terem tomado emprestada.

Alternativa (B) – INCORRETA

“(B) ratifica a ideia, construída ao longo da trajetória humana, de que o pensamento científico é a via mais eficaz para o conhecimento da realidade.”

Esta alternativa vai de encontro ao que está expresso nas linhas 17 a 20: os saberes científicos são provisórios, sempre sujeitos à superação e à renovação. Assim, não é nada coerente aceitar como “eficaz para o conhecimento da realidade” uma via provisória e superável, quando deveria ser permanente e infalível.

Alternativa (D) - INCORRETA

“(D) defende que as sociedades humanas, apoiadas na religião ou em mitos variados, constroem imagens para autenticar a experiência individual perante a coletiva.”

Esta opção se distancia exageradamente do texto em vários aspectos como, por exemplo:

a) O uso do verbo “defender” não exprime a intenção do autor, que, no máximo, admite, atribui ou reconhece situações, mas não as defende.

b) Outra afirmação descabida é a sintetizada pela expressão “constroem imagens”. As diferentes sociedades humanas não construíram nada, aqui, apenas fundamentaram a experiência do existir. Construir imagens, em nível mental, é sonhar, conjecturar, especular mentalmente, e, em um nível material, está relacionado ao culto à idolatria, e isso nada tem a ver com o texto.

c) as sociedades humanas não autenticam a experiência individual perante a coletiva, porém fundamentam, de modo coletivo ou individual, suas experiências de vida.

Alternativa (E) – INCORRETA

“(E) expressa sua compreensão de que, fora do âmbito racional, não há base sólida que fundamente a vida dos seres humanos.”

Temos, aqui, uma patente contradição. Enquanto essa opção só admite a base racional para a fundamentação da vida dos seres humanos, o texto reconhece a falibilidade da ciência como meio racional (linhas 17 a 20) para esse intento, e, ao mesmo tempo, aceita a possibilidade de que até a exaltação mística poderá expressar verdades definitivas ou últimas (linhas 20 a 23) sobre a aludida fundamentação existencial.

Alternativa C – **CORRETA**

“(C) atribui a idiosincrasias culturais as distintas representações daquilo que legitimaria as práticas humanas.”

Aqui, sim, há coerência em admitir que as práticas ou vivências humanas são legitimadas ou fundamentadas pelas idiosincrasias, ou seja, pelas maneiras de ver, ouvir e sentir por meio de recursos culturais. Em outras palavras, as diferentes representações da base das experiências do existir são atribuídas à cultura das distintas sociedades humanas. Ou ainda, é com a própria cultura que cada sociedade humana fundamenta suas experiências de vida.

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 2

“2. Ainda sobre o primeiro parágrafo, é correto afirmar:”

Atenção! Aqui, pede-se o que é CORRETO. Mais à frente, iremos encontrar questões em que se pede o que é incorreto. É importante que estejamos atentos para a formulação da questão, porque, muitas vezes, é na própria formulação, isto é, no que se pede que está a “armadilha”, e, na maioria das vezes, é, aí, que ocorre o deslize, em observar-se se o que se pede é identificar o CORRETO ou o INCORRETO.

Alternativa (A) – INCORRETA

“(A) O emprego da conjunção *contudo* (linha 8) evidencia que o autor considera os modos tradicionais de conceber o mundo incompatíveis com a ciência, que os substitui.”

Opõe-se à ideia expressa no texto. Aqui, expõe-se a incompatibilidade entre os modos tradicionais e a ciência, na concepção do mundo. Porém, no texto (linhas 8 a 11), em vez de incompatibilização, temos a adição da ciência aos modos tradicionais. Portanto, a conjunção “contudo” não evidencia incompatibilidade, mas sim, acréscimo da ciência aos modos tradicionais na elaboração das bases de nossas experiências de vida.

Alternativa (B) – INCORRETA

“(B) Contém, implicitamente, a ideia de que a capacidade cognitiva é conquista do mundo ocidental, principalmente nos últimos trezentos anos.”

A presente alternativa sugere uma ideia absurda, não referida no texto, segundo a qual a capacidade de conhecimento humano é conquista do mundo ocidental, nos últimos trezentos anos. A capacidade de conhecimento, compreensão ou entendimento do ser humano não foi consequência de conquista seja de ocidentais, seja de orientais, e, muito menos, poder-se-ia estabelecer um prazo em que isso teria ocorrido, trezentos, quatrocentos, mil anos etc. Vale lembrar que capacidade cognitiva é o mesmo que capacidade de conhecimento do ser humano, referida à sua inteligência. Ela é inata às pessoas. Já nascemos com essa capacidade. Ela não é conquista de ninguém.

Alternativa (C) – INCORRETA

“(C) O emprego da expressão *Com efeito* (linhas 11 e 12) colabora para a consolidação da ideia de que a observação dos fenômenos naturais foi conquista do Renascimento.”

O objetivo desta alternativa é desviar o foco de atenção do candidato do erro nela contido. Foi usada, para ser centro das atenções, a expressão “*Com efeito*” como se ela, por si só, contivesse alguma ideia, significação ou conteúdo semântico. O que contém a ideia “em jogo”, nesta opção, é a oração “a observação dos fenômenos naturais foi conquista do Renascimento”. Essa oração faz uma afirmação errônea do que está no texto. A observação dos fenômenos naturais ocorre desde que o homem teve consciência do mundo em que vive e

de si mesmo. O homem observa os fenômenos naturais desde épocas remotas, bem antes do Renascimento. Note que a FCC insiste em utilizar a palavra “conquista” inadequadamente, como na alternativa anterior, produzindo uma incoerência, na qual muitos concursandos poderão deslizar. Portanto, o Renascimento NÃO conquistou a observação dos fenômenos naturais. O máximo que ocorreu a partir da revolução científica do Renascimento (linhas 11 a 16) foi a colaboração (e não a conquista) das ciências naturais na formulação das categorias que os ocidentais iriam usar para classificar e compreender a realidade.

Alternativa (D) – INCORRETA

“(D) Sustenta a ideia de que, a partir do Renascimento, as ciências desenvolveram normas práticas para a conduta humana, com respeito a valores na esfera individual ou coletiva.”

Apesar de incorreta, essa opção nos apresenta uma “armadilha” muito usada em concursos, por todas as instituições organizadoras. A “isca” para essa “armadilha” consiste em mencionar palavras-chaves, isto é, de conteúdo forte, que ficaram impregnadas em nosso inconsciente, depois da leitura do texto que as contém. Na presente alternativa, essas palavras são **práticas** (de prática, na linha 9) e **individual** ou **coletiva** (de coletiva ... individualmente, na linha 4). Ora, se lermos essas palavras, na alternativa, escritas de modo igual ou semelhante ao que está no texto, acreditaremos que a alternativa esteja correta, pois perceberemos subliminarmente que elas estão contidas no texto, porém a essas palavras vêm associadas informações falsas. As informações falsas sugeridas, nessa opção, são “normas para a conduta humana” e “valores”, associadas, respectivamente, às palavras práticas e individual ou coletiva. Em momento algum no texto, constatou-se qualquer menção a normas de conduta ou de comportamento humano relativo a valores quer coletivos, quer individuais. O texto trata do “conhecimento humano sobre sua realidade” e não de “normas de conduta”.

Alternativa (E) – CORRETA

“(E) A forma verbal *empregará* (linha 15) evidencia que o autor dá como fato consumado o prestígio da ciência, do Renascimento em diante, na constituição do modo ocidental de pensar e agir.”

A utilização do verbo, no futuro do presente do indicativo, chega a ser uma “sentença” do autor do texto sobre a aceitação da base científica para apoiar o modo “ocidental” de pensar e agir. A palavra ocidental foi grifada para, de passagem, aludirmos a outras sociedades

humanas, algumas orientais, em que o misticismo, e não a ciência, é que recebe o prestígio para constituir os seus modos de pensar e agir.

QUESTÃO 3

“3. No parágrafo 2,”

Alternativa (B) – INCORRETA

“(B) constrói-se uma relativização das conquistas da ciência, sustentada na crítica de que ela se vale de procedimentos pouco objetivos na busca da verdade.”

A relativização é o caráter de correlação entre duas coisas. Aqui, os dois polos são “conquistas da ciência” e “procedimentos pouco objetivos na busca da verdade”. Ora, sabemos que essa afirmação se opõe ao texto, no qual o autor reconhece a natureza preponderantemente objetiva dos procedimentos científicos. Tanto assim, que essa objetividade se revela pela volatilidade de seus enunciados, sempre sujeitos a novas verdades pelas sucessivas aplicações do método científico. E o método científico nada mais é do que a observação de fenômenos naturais, e isso é a própria essência da objetividade, representada pela observação do que reside externamente.

Alternativa (C) – INCORRETA

“(C) constata-se o caráter incontrolável das experiências científicas, implicitamente atribuído às condições de descontinuidade em que se realizam.”

Não é difícil perceber as contradições contidas nesta opção com o que está no texto. Essas contradições são levantadas, aproveitando-se do que diz o texto, no parágrafo segundo, acerca da ciência: ela não serve para estabelecer verdades definitivas, pois seus enunciados estão sempre mudando, são efêmeros. Ora, isso pode nos sugerir, inconscientemente, um certo atributo negativo da ciência, pois, segundo o texto, ela está descredenciada para estabelecer verdades perenes sobre a experiência do existir ou sobre a realidade, como queira. Agora, a inaplicabilidade do método científico, especificamente, para traçar verdades fixas sobre as interpretações da realidade não implica privar a ciência de suas principais características, que são o “caráter controlável”, que se manifesta pela aplicação de leis e

princípios para manipulação e compreensão dos fenômenos, e a “continuação em que se realizarão”, que é a sequência lógica, que exigem as práticas científicas.

Curiosidade semântica – para o autor do texto em análise como também para a FCC parece não existir diferença de significado entre “continuidade” e “continuação”. Porém, existe sim! “Continuidade” é uma propriedade física da superfície de um corpo, e “continuação” quer dizer prosseguimento. Veja a diferença na seguinte frase: “Não podemos dar continuação a nossa viagem porque a continuidade da BR-101 foi afetada por uma rachadura de mais de dois metros de largura no km 346.”

Bem, diante dessa exposição, você também deve aprender a confundir o significado dessas duas palavras, quando estiver fazendo uma prova da FCC. Afinal de contas, o que está em jogo é a sua aprovação e não o bom Português.

Alternativa (D) – INCORRETA

“(D) a expressão *necessariamente provisórios* (linhas 18 e 19) compõe uma advertência, dirigida a filósofos, poetas e místicos, que desconsideram a objetividade na produção do saber.”

Esta alternativa é capciosa, pois contém, concomitantemente, uma afirmação falsa e outra verdadeira. A falsa está em conceituar a expressão “necessariamente provisórios” uma advertência, quando a aludida expressão compõe um fato corriqueiro e inseparável da ciência. Nenhum místico ou filósofo, por mais desavisado que possa parecer, ignoraria que os saberes científicos são temporários. O próprio texto avaliza o que afirmamos, na expressão: “característica inescapável” (linhas 17 e 18). Ninguém adverte os outros, apontando uma característica “inescapável”, que a todos parece evidente. Isso seria chover no molhado. Já, a afirmação verdadeira encontra-se na constatação referida a filósofos, poetas e místicos por desconsiderarem a objetividade na produção do saber, pois reconhecemos que eles apoiam suas teses não na objetividade, como a ciência, mas, sim, nas próprias interpretações internas, que nada mais são que modos subjetivos de conceber a realidade.

Alternativa (E) – INCORRETA

“(E) incentiva-se a luta do ser para a constante superação de suas fragilidades pessoais, advindas de sua humana condição e permanente sujeição ao erro.”

Temos, aqui, uma inverdade deslavada em relação ao conteúdo do parágrafo segundo. Em momento algum desse fragmento de texto, que estamos interpretando, o autor revela sua

disposição de motivar o leitor para a superação de suas fraquezas. Isso seria peculiar de um texto de auto-ajuda, e não de uma dissertação, que ora apreciamos.

Alternativa (A) – **CORRETA**

“(A) a conjunção *Mas* (linha 17) foi empregada não para eliminar o que foi dito anteriormente, e, sim, para introduzir uma contrapartida do objeto, fruto de distinta perspectiva de análise.”

A conjunção *Mas*, usada como adversativa, apresenta uma variante oposta ao objeto, sem, contudo, pretender excluir o que foi dito anteriormente. A explanação anterior fica valendo, sim. A conjunção *Mas* introduz apenas uma ideia de oposição ao que foi dito antes, porém não de exclusão.

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 4

“4. É correto afirmar:”

Alternativa (A) – **INCORRETA**

“(A) Infere-se do texto que os distintos discursos – religioso, filosófico, artístico, científico –, quando formalizam, cada um a seu modo, os dogmas da humanidade, na verdade estão conscientemente burlando o espírito que orienta cada específica prática.”

O texto não coloca nenhuma suspeita sobre qualquer dos exercícios do espírito humano como meio de burlar o próprio espírito na busca da fundamentação da realidade. Como a ideia central do texto é o confronto entre as práticas tradicionais e a científica, quanto à mutabilidade das representações da realidade. Entre um simples confronto e a suspeita de burla há uma diferença bem definida. Além disso, esta alternativa trouxe um novo elemento ao conjunto: o discurso artístico, talvez associado à inspiração poética. E, tem mais, esta opção ainda estende a formalização de dogmas à ciência, o que o texto repudia expressamente, quando afirma que os dogmas ditados pela ciência não passam de equívocos. Portanto, as afirmações dessa proposição são todas descabidas em relação ao texto.

Alternativa (B) – INCORRETA

“(B) O texto demonstra que superstições surgem nos mais diversos campos do conhecimento, e são elas que, através do tempo, configuram o estatuto do humano.”

A indução ao erro, aqui, é clara, ao compararmos o conteúdo desta alternativa ao do último período do texto. Nesta opção, as superstições são atribuídas, genericamente, aos diversos campos do conhecimento. Já no último período do texto, a superstição é referida ao método científico que servia de base ao estatuto da raça no nazismo. Na opção em análise, comete-se ainda o erro de sugerir “estatuto do ser humano”, quando a única referência a estatuto, no texto, é ao da raça no nazismo.

Alternativa (C) – INCORRETA

“(C) O texto esclarece que é uma pretensão imprópria aspirar a conquistas que, duradouras, podem acabar por se constituir em meros passos de um trajeto insuperável.”

Encontra-se, aqui, um belo exemplo de confusão de linguagem, vulgarmente conhecida como a arte de falar, sem dizer coisa alguma, ou a arte do “besteiro!”.

Alternativa (E) – INCORRETA

“(E) No texto exprime-se o entendimento de que é comum a várias práticas de pensamento, excluindo-se o mítico, defender que o espírito humano é capaz de atingir o saber pleno.”

Essa é uma proposição muito bem elaborada, apesar de errônea. O leitor desatento, depois de ler o texto impregnado de expressões do tipo “constelação de ideias” (linhas 5 e 6), “prática de pensamento” (linha 9), “cultura ocidental” (linha 15), “saberes científicos” (linha 17), “exercício do espírito humano” (linha 20), pode ser levado a imaginar que o texto propõe algo próximo à supremacia do saber. Cuidado! Isso é uma forma de saturação mental.

Alternativa (D) – **CORRETA**

“(D) Seria coerente com as ideias expressas no texto o seguinte comentário, suscitado pelo exemplo dado: “O nazismo, por mais assustador que seja o fato, não foi isento de racionalidade.”

Sim, pelo simples fato de ter-se valido da ciência para a elaboração do estatuto da raça, o nazismo fez uso da racionalidade, pois a ciência é fruto da razão humana.

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 5

“5. É correto afirmar que”

Alternativa (A) – **INCORRETA**

“(A) a conjunção *quer*, repetida (linhas 6 e 7), estabelece uma comparação entre os termos aproximados, indicando a superioridade de um sobre o outro.”

Esta opção não se coaduna com o que aprendemos sobre conjunções. A conjunção alternativa “quer”, que aparece repetida na frase, une orações ou termos coordenados, ou seja, de mesmo valor sintático. Portanto, a conjunção “quer” não estabelece comparação, mas, sim, alternância, e, como se disse acima: por ligar termos de mesmo valor ou coordenados, não existe superioridade entre eles.

Alternativa (B) – **INCORRETA**

“(B) a forma verbal *têm* (linha 17) está em conformidade com as normas gramaticais, assim como a forma verbal destacada em “Embora eles não lhe **dêm** razão, ela sabe que está certa.”

Simplesmente, a forma verbal “dêm” não existe na língua nacional.

Alternativa (C) – INCORRETA

“(C) o emprego do sinal gráfico indicativo da crase está correto em *sujeitos à superação* (linha 19), assim como está em “Chegaram à propor um acordo, mas não foram ouvidos.”

Também esta é muito fácil de descartar: não se usa o acento indicativo da crase diante de verbo.

Alternativa (E) – INCORRETA

“(E) o emprego de *melhor*, em *Não há exemplo melhor* (linha 30), está em conformidade com as normas gramaticais, assim como o segmento assinalado em “Foram os exemplos ***mais bem escolhidos***.”

Não há conformidade no emprego dos superlativos “melhor” e “mais bem” que possa ser explicada pelas mesmas regras. Com o particípio, usa-se “mais bem”. Sem o particípio, emprega-se “melhor”.

Alternativa (D) – CORRETA

“(D) a transposição da frase *essas constelações de ideias foram geradas quer pelas tradições étnicas (...) quer pelos grandes sistemas religiosos* (linhas 5 a 7) para a voz ativa gera a forma verbal “costumam gerar.”

Quando se trata de transposição de uma para outra voz verbal (ativa→passiva ou passiva→ativa) as organizadoras de concurso costumam apresentar uma frase repleta de palavras inúteis gravitando em torno da forma verbal. Lá vai um *macete* para evitar enrolar-se com palavras desnecessárias: quando for pedida a transposição de uma para outra voz, em qualquer sentido, proceda do seguinte modo:

I – Jogue fora tudo o que não for forma verbal a ser transposta para a outra voz. Por exemplo, no nosso caso, fique só com “foram geradas”.

II – com a forma verbal que ficou, construa a frase mais simples que conseguir, acrescentando palavras suas como, por exemplo:

“As fábulas	foram geradas	pelos escritores.”
(<i>Sujeito</i>)	(<i>verbo passivo</i>)	(<i>agente da passiva</i>)
	(<i>ser + v. principal</i>)	

III – faça a transposição da seguinte maneira:

- o que é agente da passiva vira sujeito na voz ativa;
- o que é sujeito na passiva vira objeto direto na ativa;
- o verbo “ser” desaparece, e só fica o verbo que tem conteúdo, “gerar”, que, concordando com o sujeito, fica “geram”;
- e a frase fica assim:

“ Os escritores geram as fábulas.”

IV – como para ver se a alternativa em discussão está correta, só nos interessa a forma verbal. Verificamos, então, que tanto o verbo “geram” como “costumam gerar” dizem a mesma coisa. Logo, concluímos que o que se afirma nessa alternativa está correto.

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 6

“6. *Ernesto Sábato assinala com precisão que todas as vezes que se pretendeu elevar um enunciado científico à condição de dogma, de verdade final e cabal, um pouco mais à frente a própria continuidade da aplicação do método científico invariavelmente acabou por demonstrar que tal dogma não passava senão... de um equívoco.*

O adequado entendimento daquilo que assinala Ernesto Sábato está expresso, de forma clara e correta, em:

Alternativa (A) – INCORRETA

“(A) É perfeito o entendimento de dogma como verdade acabada, mas tem um desvio quando a ciência prova que o enunciado está ultrapassado, anulando o dogma equivocados, o que ocorreu em todas as vezes.”

Apresenta-se um erro de regência no emprego do verbo “ocorrer” com a preposição “em”. Só se usa um verbo regido pela preposição “em” quando ele se relacionar a tempo ou lugar. Exemplos:

“Isso ocorreu em Imbituba.”

“O fato ocorreu em 1947.”

Portanto, o correto seria escrever: “... o que ocorreu todas as vezes.” (sem a preposição “em”)

Alternativa (C) – INCORRETA

“(C) Verdades finais e acabadas, verdadeiros dogmas, sempre existiram, mas, sendo do universo científico, a própria ciência se incumbiu de dar continuidade, tornando obsoleto o método.”

Uma frase em excesso, jogada a esmo: “tornando obsoleto o método”, antecedida por outra cujo complemento da palavra “continuidade” fora omitido: “... de dar continuidade” ao quê? Essa alternativa nos dá um belo exemplo de frases que perderam o sentido no contexto em que se inserem: “a própria ciência se incumbiu de dar continuidade” e “tornando obsoleto o método”.

Alternativa (D) – INCORRETA

“(D) Muitas vezes houve tentativa de construir dogmas, mas se revelou impossível, porque a ciência, desenvolvendo, provou mais para frente que o enunciado científico não tinha fundamento real.”

O verbo “desenvolvendo”, entre vírgulas, se não for pronominal, quando usado obrigatoriamente com pronome, exige complemento. A falta de complemento da forma verbal “desenvolvendo” tornou a frase obscura.

Alternativa (E) – INCORRETA

“(E) É frequente ver o que a continuidade faz, pois a ciência, responsável pelo método, mostra o erro dos dogmas que, antes precisos, acabam invariavelmente provocando equívocos, como universalmente demonstrado.”

Esta alternativa constitui um feixe de imprecisões e de informações falsas, conforme abaixo:

I – Das imprecisões, destacam-se:

a) “É frequente ver o que a continuidade faz, ...”. A palavra *continuidade*, por si somente, nada exprime, se não se referir a um termo conseqüente. Continuidade de quê? Esta alternativa não nos fornece a resposta para essa pergunta. Já no texto original, tem-se a expressão completa: *continuidade da aplicação* (linha 28).

b) "... pois a ciência, responsável pelo método, ...". A pergunta, agora, é: Responsável por que *método*? Também, não se encontra uma resposta a essa pergunta, na alternativa em análise. Porém, no texto original, essa definição é clara e expressa: *método científico* (linha 28).

II – Das informações falsas, as mais patentes são:

a) "... a ciência (...) mostra o erro dos dogmas ...". A ciência não mostra erro dos dogmas, mas, sim, de seus próprios enunciados, que são reformulados pela realização de novas experiências. São as experiências, a série de tentativas, de erros e de acertos que constituem a base do método científico. O caráter mutável desse método acaba mostrando erros em enunciados anteriores, e, não, em dogmas. Portanto, conforme nos diz o texto original: "... *todas as vezes que se pretendeu elevar um enunciado científico à condição de dogma ...*", experiências posteriores demonstravam que o enunciado (e, não, dogma algum) "... *não passava senão... de um equívoco ...*" (linhas 29 e 30). *Trocando em miúdos*: dogmas são pontos de vista indiscutíveis, enquanto enunciados científicos são pontos sujeitos a frequentes mudanças e, por isso, sempre discutíveis.

b) "... dogmas que (...) acabam invariavelmente provocando equívocos ...". Muito cuidado com o verbo, que foi, sutilmente, trocado nesta alternativa incorreta. Trocou-se *demonstrar* por *provocar*. Provocar erros é uma coisa. Demonstrar-los é outra. Além disso, afirma-se que os dogmas acabam provocando equívocos, todavia, na verdade, é a aplicação do método científico (experiências) que acaba por demonstrar tais equívocos.

Alternativa (B) – **CORRETA**

“(B) Sempre que se tentou eternizar uma formulação científica, a ciência, ela mesma, desautorizou a pretensão, quando, por seus próprios instrumentos, desvelou a imperfeição daquele saber.”

Não se constatou nenhum deslize nesta alternativa.

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 7

“7. No texto, o autor”

Alternativa (B) - INCORRETA

“(B) desenvolve considerações minuciosas a respeito do tema central de seu discurso: a carta de Luís Diogo Lobo da Silva.”

Primeiro, o tema central não é nenhuma carta, mas, sim, o episódio do surgimento de uma faixa social e suas consequências, na época. A “carta régia” apenas faz parte desse episódio.

Segundo a carta referida no texto, não era **de** e, sim, **para** Luís Diogo Lobo da Silva.

Alternativa (C) - INCORRETA

“(C) narra um específico episódio ocorrido em Minas, tomado como exemplo do que se pode esperar da ação de grupo de infratores.”

Não foi dado, no texto, nenhum exemplo da ação dos vadios, muito menos do que dela se pode esperar. Pelo contrário, a referência a eles é pela sua omissão, “o fato de não fazerem nada, ou de nada fazerem de forma sistemática” (linhas 2 a 4), e, não, por qualquer ação.

Alternativa (D) - INCORRETA

“(D) lança hipóteses sobre as causas de um determinado comportamento social, depois de caracterizá-lo a partir da teoria de pesquisadores, religiosos ou não.”

O texto não lança hipóteses, mas sim afirmações, fatos concretos sobre o comportamento dos vadios. Afirmações que delineavam suas principais características, por não terem “laços” (linhas 5 e 6), contudo, nem de longe, chega a ser levantada alguma suposição sobre sua “causa”. Também, não se tem, no texto, qualquer indício de teoria de pesquisadores.

Alternativa (E) - INCORRETA

“(E) toma os dados de pesquisa histórica como apoio para expressar e justificar o seu próprio juízo de valor acerca de infratores.”

Aqui, ocorre dois equívocos crassos.

O primeiro deles consiste na menção da palavra “pesquisa”, cuja ideia de induzir o concursando ao erro vem expressa também na opção anterior, que fala de teoria de

pesquisadores. Por se tratar de texto sobre fato histórico, é natural que o leitor desavisado aceite a ideia de pesquisa, mas isso é um engodo, pois o autor, no aludido texto, nada disse sobre pesquisa.

O segundo equívoco está no fato de esse texto tratar-se de um artigo “narrativo” de um episódio histórico, e que, por isso, é isento de qualquer manifestação de “juízo de valor”, por parte do autor, é claro. O juízo de valor acerca dos vadios fora feito pelas autoridades oficiais da época, cujo registro consta da “carta régia”.

Alternativa (A) – **CORRETA**

“(A) põe em foco um determinado estrato social, particularizando uma tentativa de disciplinamento oficial.”

Vejamos se as afirmações feitas, nessa alternativa, estão em conformidade com o texto em estudo. Façamos as perguntas necessárias sobre essas afirmações:

1ª) Põe em foco um determinado estrato social?

Resposta: sim!

2ª) Por quem era constituído esse estrato?

Resposta: por vadios.

Para termos certeza de que as respostas acima estão corretas, devemos, antes, saber o que é estrato social. Bem, estrato social é uma camada da população com características próprias (nível de renda, educação, posição social etc). Em nosso texto, a característica desse estrato era a “sua forma de vida” (linha 2), que contrastava com a da “parte bem organizada da sociedade” (linhas 4 e 5).

Outras perguntas sobre a segunda afirmação dessa alternativa:

3ª) Particulariza uma tentativa de disciplinamento oficial?

Resposta: sim!

4ª) Como se prova essa tentativa de disciplinamento oficial?

Resposta: prova-se pelo contido nas linhas 11 ao final, pela “carta régia” (investida oficial) que impõe sanções (disciplinamento) aos vadios.

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 8

“8. Considere as afirmações que seguem sobre a organização do texto.

- I. No processo de argumentação, o autor valeu-se de testemunho autorizado.
- II. A fala do jesuíta constitui argumento para a consolidação da ideia de que *a itinerância passou a ser cada vez mais tolerada*.
- III. A data de 1766 foi citada como comprovação explícita de que o rei era realmente signatário da carta.

Está correto o que se afirma SOMENTE em”

Esse tipo de questão é considerada “o veneno” pelos concursandos. Esse conceito traz uma carga de verdade, mas, ainda, não é digno de produzir pavor. Na verdade, o que ocorre, aqui, é um acréscimo de tarefas. Existem três itens para ser julgados, o que equivaleria, certamente, a três alternativas a serem julgadas. Por isso, reconhece-se que o risco de cometer algum erro é maior, porém evita-se isso mantendo-se a calma e muita atenção.

Começamos, é claro, pelos itens. Um por um. Depois, compararemos o resultado obtido com a alternativa correspondente.

Item “I” – Correto – Entendamos, inicialmente, que “processo de argumentação” nada mais é que a feitura do texto e, principalmente, da apresentação da ideia central, que é o surgimento de um estrato social constituído pelos vadios. Para argumentar essa ideia o autor não usou suas conjecturas, mas sim utilizou-se do que afirmaram outras personagens do texto como do que disse Antonil (linhas 8 a 11) e da carta régia (linhas 13 a 16). As palavras do jesuíta e a carta são dois “testemunhos autorizados” e não conclusões pessoais do autor.

Item “II” – Correto – O que as demais partes do texto dizem em relação aos vadios é firmado pela fala do jesuíta, que compara a mobilidade dos arraiais com a peregrinação dos judeus pelo deserto, descrita na Bíblia. Itinerância tem tudo a ver com movimentação, evidentemente.

Item “III” – Incorreto – A data é apenas um referencial cronológico. Pelo texto, com referência ou não à data, não se sabe se o signatário da carta foi um rei, uma rainha, um príncipe, um regente ou outra figura real.

Agora, sabendo que somente os itens “I” e “II” estão corretos, vemos que esse resultado corresponde à alternativa “D”, que é a correta.

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 9

O cuidado, aqui, é entender a expressão grifada (destacada em itálico) relacionada com o texto, e não isoladamente, que pode, dessa última forma, ter outro significado, diferente daquele que teria no contexto.

“9. Observado o contexto, está corretamente entendida a seguinte expressão do texto:”

Alternativa (A) - INCORRETA

“(A) *nada fizeram de forma sistemática* – nada produziram de modo tecnicamente plausível.”

Fazer de forma sistemática é agir obedecendo a uma ordenação prévia, a um método, a um sistema. Isso nada tem a ver com produção de modo tecnicamente plausível cuja significação única é produzir de maneira admissível, razoável, aceitável.

Alternativa (B) - INCORRETA

“(B) *um grupo fluido e indistinto* – um conglomerado espontâneo e informal.”

I – *Um grupo fluido e indistinto* diz respeito a características daquilo que se expande sem controle e mal definido, respectivamente.

II – Já espontaneidade e informalidade referem-se à falta de cerimônia e à não sujeição a requisitos, que se origina por instinto.

Não há correspondência entre os dois itens acima.

Alternativa (C) - INCORRETA

“(C) *difícil de controlar e até mesmo de enquadrar* – não passível de organizar e mesmo dominar.”

Controle e enquadramento, no texto, refere-se à aceitação das normas de organização da sociedade da época (domicílio, família, emprego etc), o que pode, até certo ponto, ter alguma relação com “organizar”, mas não, com “dominar”.

Alternativa (D) - INCORRETA

“(D) *Passados os primeiros tempos dos descobertos auríferos – esgotadas as primeiras jazidas de ouro.*”

Nesta opção, o que passa e se consome é o tempo, e não o potencial das jazidas.

Alternativa (E) - **CORRETA**

“(E) forma peculiar de vida que escolhiam – singular maneira que se concediam de estar no mundo.”

Aqui sim, a correspondência é clara:

- forma peculiar é maneira singular;
- vida é estar no mundo.

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 10

“10. *Em 1766 surge contra os vadios das Minas a primeira investida oficial de que se tem notícia.*”

Considerado o contexto, uma outra redação para o segmento destacado acima, que está correta e que não prejudica o sentido original, é:”

Sempre que a resolução de uma questão envolver a “construção de outra redação de um segmento de um período”, devemos, inicialmente, colocar o período em ordem direta (sujeito → verbo → complemento). Então, temos em ordem direta:

“*A primeira investida oficial de que se tem notícia surge em 1766 contra os vadios das Minas.*”

Considerações importantes:

– sabemos que o pronome relativo “que” está substituindo um termo que lhe antecede:
“A primeira investida oficial”;

– sobre esse termo, substituído pelo pronome, foi feita uma declaração: “se tem notícia”;

– “ter-se notícia” é o mesmo que “conhecer-se”, “ter-se conhecimento”; logo, a palavra “notícia”, no contexto, não têm existência própria, ou seja, não é semelhante àquela notícia de jornal, de rádio, de TV ou outras a que estamos acostumados a ver por aí, porém usada com o verbo “ter-se”, pronominal, forma uma expressão de significação especial.

Com essas três considerações acima, já possuímos os recursos necessários para descobrir a alternativa correta e descartar as quatro incorretas.

Note que, nas opções (B), (C) e (E), aparece a palavra “notícia” com significado próprio como uma notícia de jornal, de rádio, de TV ou outras a que estamos acostumados a ver por aí, e não fazendo parte de uma expressão com outro sentido, mais precisamente, do mesmo sentido da expressão em destaque cujo significado é “conhecer-se”. Assim, essas três opções estão abandonadas por terem outro significado.

Na alternativa (D), declara-se que “se tem o registro”. “Ter-se o registro” é uma coisa e “ter-se o conhecimento” é outra. Por exemplo, há pouco tempo, “tinha-se o registro” dos Sagrados Evangelhos, mas não “se tinha o conhecimento” deles, até a intervenção de Lutero, desfazendo a sonegação da igreja católica. Assim, também essa opção está afastada.

Por eliminação, restou-nos a alternativa (A), que é a correta. Aqui, utiliza-se o pronome relativo “cuja”, referindo-se a um antecedente e concordando com um termo posposto. E, agora, ficou clara e correta a substituição da expressão “se tem notícia” por “se conhece”. Logo, a resposta correta para a questão em análise é a (A).

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 11

Recomenda-se, antes de analisar as proposições, nova leitura dessas oito linhas iniciais focalizadas na presente questão.

“11. Observadas as 8 linhas iniciais do texto, é correto afirmar:”

Alternativa (A) - INCORRETA

“(A) A expressão *por sua forma de vida* constitui uma explicação.”

Em vez de conter uma explicação, a expressão *por sua forma de vida* traz o complemento de “caracterizado”.

Alternativa (C) - INCORRETA

“(C) Em *que os tornava suspeitos*, o deslocamento do pronome destacado para depois do verbo atenderia ao que a gramática aconselha como preferência.”

A preferência aconselhada pela gramática é manter o pronome em destaque junto à partícula “que”, a qual funciona como pronome relativo, referido ao antecedente “o fato”. Colocar o pronome depois do verbo é desaconselhável pela gramática.

Alternativa (D) - INCORRETA

“(D) A preposição *ante* equivale a “versus.”

A preposição “ante” equivale a “diante de”, “em presença de” e “perante”. O que significa “versus”, “ação contrária”, “oposição” é o prefixo “anti” (com “i” final).

Alternativa (E) - INCORRETA

“(E) Como em *fluido*, a grafia do particípio do verbo “imbuir” não admite o acento, estando, correta a forma “imbuido.”

O caso, aqui, refere-se ao emprego de regras de acentuação. O vocábulo “fluido” não é acentuado por ser um ditongo. Já, “imbuído” é acentuado porque, nesta palavra, ocorre um hiato. Lembrando, hiato é a sequência de duas vogais pertencentes a sílabas distintas.

Alternativa (B) - **CORRETA**

“(B) No segmento *Era o fato de não fazerem nada ou de nada fazerem de forma sistemática*, a conjunção *ou* introduz uma retificação do que se afirmou anteriormente.”

Uma conjunção pode ter ora uma classificação, ora outra. Tudo depende do contexto. As palavras se subordinam às nossas ideias. É o caso da conjunção alternativa “ou”, nesse segmento de texto. Lá vai uma dica: se for possível acrescentar, imediatamente à conjunção

“ou”, a palavra “melhor” ou “seja”, então, ela introduz uma retificação. Coisa que não ocorre, quando é usada puramente como alternativa, como na seguinte frase: “Ou Marcos ou Antônio será o Líder.”

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 12

Vamos, inicialmente, reler o texto para melhor fixar o seu conteúdo.

“12. Considerando as linhas 8 a 16, é correto afirmar:”

Alternativa (A) - INCORRETA

“(A) Em *como disse o jesuíta, como* equivale a “mediante.”

“Como” equivale à palavra “conforme”, “segundo” e não à “mediante”. Faça as substituições para comprovar a equivalência semântica. Exemplos:

Como disse o jesuíta = Conforme disse o jesuíta = Segundo disse o jesuíta ≠ Mediante disse o jesuíta

A última frase da sequência acima não tem sentido.

Alternativa (B) - INCORRETA

“(B) Em “*móveis como os filhos de Israel no deserto*”, as aspas indicam que a frase deve ser entendida em sentido figurado.”

As aspas indicam uma **citação** (bíblica).

Alternativa (D) - INCORRETA

“(D) No segmento *a itinerância passou a ser cada vez mais tolerada*, a expressão *passou a ser* é a que exprime a ideia de progressão.”

A expressão “passou a ser cada vez mais”, no contexto, significa gradação – o grau de tolerância aumentou. Enquanto, progressão representa, conforme o *Aurélio*, “sucessão ininterrupta e constante dos diversos estágios de um processo”.

Alternativa (E) - INCORRETA

“(E) Os dois-pontos introduzem uma citação.”

Depois dos dois pontos não vem nenhuma citação, o que vem é uma explicação. Explicação do que o autor quer dizer por “primeira investida oficial de que se tem notícia”.

Alternativa (C) - **CORRETA**

“(C) O emprego da palavra *arraiais* contribui para a produção do sentido de “moradia provisional” tratado no fragmento.”

Sim, a palavra “arraial” quer dizer “povoação provisória”, “residência temporária” ou coisa equivalente.

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 13

“13. *Tais homens, dizia o documento, vivem separados do convívio da sociedade civil, enfiados nos sertões, em domicílios volantes, ou seja, sem residência fixa. Isto não podia ser tolerado, e deveriam passar a viver em povoações que tivessem mais de cinquenta casas e o aparelho administrativo de praxe nas vilas coloniais: juiz ordinário, vereadores etc.*

Observado o contexto, é correto afirmar que, no fragmento acima,”

Alternativa (A) - INCORRETA

“(A) a expressão *sociedade civil* equivale a “conjunto de todos os membros que constituem o tecido social, unidos em torno de ideias, pactos e acordos, sem hegemonia nem exclusão de nenhum grupo.”

Veja como é importante que se considere a expressão “sociedade civil”, observado o contexto, pois, neste, refere-se à comunidade constituída por uma população fixa, e, fora do texto, significa uma associação sem fins econômicos como, por exemplo, uma igreja. Representando apenas a comunidade de moradores de um lugar, “sociedade civil” não pode abranger “todos” os membros do tecido social, tampouco seus membros não se prendem por ideias comuns, pactos ou acordos, e, quanto ao aspecto de hegemonia e exclusão, um ou outro grupo acaba sempre se distinguindo.

Alternativa (C) - INCORRETA

“(C) a expressão *ou seja* introduz uma explicação, obrigatória para a compreensão do documento, visto que *domicílios volantes* constitui uma incompatibilidade em termos, sem possibilidade de conciliação.”

Concorda-se que a expressão “ou seja”, introduz uma certa explicação pelo uso de sinônimos, mas, de modo algum, obrigatória para a compreensão do documento. Reconhecemos, facilmente, mais um jogo de palavras sinônimas do que uma explicação compulsória, visto que a expressão “ou seja” refere-se a palavras (sem residência fixa), que poderiam ser dispensadas, no texto, sem prejuízo de sua compreensão. Com relação à argumentação expressa no final da alternativa, trata-se de expressão sem sentido lógico e desconexa da realidade do texto.

Alternativa (D) - INCORRETA

“(D) o emprego da expressão *de praxe* evidencia que, na carta, buscava-se neutralizar qualquer tom que pudesse ser entendido como intimidação.”

O grupo “de praxe” significa habitualidade e não representa nenhum eufemismo, ou seja, intenção de maquiagem qualquer modo de intimidação. Aliás, a ameaça declarada aos vadios, no texto, tenta intimidá-los com expectativa de prisão e tratamento degradante. Portanto, no fragmento do texto que essa questão apresenta, não se encontra nenhuma intenção de neutralizar qualquer tom de intimidação, até porque não houve, nesse segmento, nenhuma ameaça.

Alternativa (E) - INCORRETA

“(E) a oração *deveriam passar a viver em povoações* expressa uma suposição.”

A oração destacada acima não expressa suposição, mas, sim, sugestão.

Alternativa (B) - **CORRETA**

“(B) a voz do autor mistura-se à voz do remetente da carta, como o comprova o emprego, respectivamente, das formas verbais *podia* e *vivem*.”

As formas verbais “vivem” e “podia”, verdadeiramente, são referências do autor a situações expressas no documento. Esses dois verbos da fala do autor são descrições de condições relatadas no documento, que ele viu e sobre as quais falou ao leitor por meio do fragmento em análise.

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 14

Para encontrar a proposição que responda corretamente a essa questão é necessário estender o conhecimento para além do que está explícito no texto. A melhor forma de chegar-se à resposta correta, neste e na maioria dos casos de interpretação de texto, é pelo método de eliminação, que de um certo modo já utilizamos neste trabalho. Por essa prática, eliminam-se as questões sem correspondência ao que se pede, até restar somente uma, que elegeremos como a correta. Como dissemos acima, em algumas questões anteriores, esse método foi parcialmente usado. Agora, no caso em discussão, ele constitui o método mais aconselhável de resolução. Vamos lá!

“14. *Uma vez estabelecidos, ser-lhes-iam distribuídas terras adjacentes ao povoado para que as cultivassem, e os que assim não procedessem seriam presos e tratados como salteadores de caminhos e inimigos comuns.*”

Sobre o que se tem no período acima transcrito, é correto afirmar:”

Alternativa (A) - INCORRETA

“(A) A expressão *uma vez* comunica a mesma ideia que o segmento destacado exprime em “uma vez que ele se curou, não precisa mais de cuidados médicos.”

A expressão “uma vez” (sem o “que”) é usada para comunicar uma ação que se dará seguidamente ao fato expresso pelo particípio. Em outras palavras, a ação de distribuir terras virá “em seguida” ao estabelecimento dos vadios, e isso é comunicado pela expressão “uma vez”. Já, o seguimento destacado “uma vez que” (com o “que”) comunica uma causa. Introduz a razão de ele não precisar mais de cuidados médicos. Portanto, não há conformidade entre essas duas expressões: “uma vez” indica uma ação que se seguirá, e “uma vez que” indica uma causa. Fora do texto, não nos interessa os possíveis significados que esses seguimentos possam ter. As reflexões sobre a análise do texto restringem-se ao contexto em análise.

Alternativa (B) - INCORRETA

“(B) O termo destacado em *os que assim não procedessem* refere-se à ação de optar por ser estabelecido.”

Percebemos, no termo em destaque, a palavra “assim” com o sentido oposto sugerido por essa alternativa. “Assim” faz referência a uma imposição, a uma obrigatoriedade de se estabelecer e cultivar a terra, e, não, a uma opção. Ou aceita as condições “na marra”, como é dito no texto, ou “prepara o lombo” (essa argumentação é uma brincadeira, mas ajuda o raciocínio).

Alternativa (C) - INCORRETA

“(C) A gramática prescreve que o vocábulo *adjacentes* seja assim separado em sílabas: “a –dja – cen – tes”. ”

Excetuando os grupos consonantais perfeitos (*consoante + r* ou *consoante + l*), qualquer consoante não seguida de vogal fica na sílaba anterior. Exemplos: com-pra-do; com-ple-to; ab-di-car; ét-ni-co; op-ção etc. Então, a divisão correta seria: ad-ja-cen-tes.

Alternativa (E) - INCORRETA

“(E) Em *tratados como salteadores*, o termo destacado está empregado com o mesmo valor que se nota em “Como cheira bem a sua caldeirada!”

Em *tratados como salteadores*, “como” é conjunção e equivale a “da mesma forma que”. Já, em “Como cheira bem a sua caldeirada!”, “como” é advérbio e corresponde a “a que ponto”, “com que intensidade”.

Alternativa (D) - **CORRETA**

“(D) Há um subentendido no fragmento: no século XVIII, os *vadios* recebiam tratamento diferenciado em relação a outros grupos considerados infratores.”

A prova do tratamento diferenciado, referido nessa alternativa, está na condição oferecida pelas autoridades: se cultivassem as terras que lhes seriam distribuídas, não seriam presos e tratados como inimigos. Que outros grupos de infratores tinham essa “colher de chá”. Nenhum, é claro! Então, aí está o tratamento diferenciado.

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 15

São estabelecidos dois quesitos para a nova redação: clareza e correção. A clareza diz respeito a uma forma inteligível de apresentação de ideias, e a correção relaciona-se à observância das normas gramaticais.

“15. *Uma vez estabelecidos, ser-lhes-iam distribuídas terras adjacentes ao povoado para que as cultivassem.*

Uma outra redação para o segmento destacado acima, que, clara e correta, não prejudica o sentido original é:

Alternativa (A) - INCORRETA

“(A) sendo-lhes divididas as terras pertencentes ao povoado, poderiam cultivá-las.”

Sutilmente, foi trocada a palavra “adjacentes” por “pertencentes”. Essa permuta prejudica o sentido do segmento destacado. Para comprovar isso basta consultar o dicionário.

Alternativa (B) - INCORRETA

“(B) com o objetivo de que tornassem produtivas, receberiam, entre eles, as terras próximo à vila.”

No segmento em destaque, a finalidade é o “cultivo” das terras. Nessa alternativa, no entanto, é “tornar produtivas” as terras. Entre “cultivar” uma terra e “torná-la produtiva” há uma diferença enorme. Também nessa alternativa, o sentido original foi alterado. Os cientistas poderiam, se isto fosse possível, tornar o Saara uma terra produtiva. Com essa hipótese, não quero dizer que os cientistas cultivariam o Saara.

Alternativa (D) - INCORRETA

“(D) compartilhariam entre si glebas em anexo ao povoado, de modo que beneficiassem.”

As terras **não** seriam “compartilhadas”. As terras seriam “distribuídas”.

Essa opção apresenta outro problema: o verbo “beneficiar”, da forma “beneficiassem” exige complemento. Esse verbo não pode ser usado como intransitivo, ou seja, como verbo que dispensa complemento.

Alternativa (E) - INCORRETA

“(E) salvo se lavrassem, receberiam por distribuição áreas incorporadas ao povoado.”

Receberiam áreas adjacentes e, não, incorporadas.

Alternativa (C) - **CORRETA**

“(C) eles seriam aquinhoados com áreas contíguas à vila, a fim de que as lavrassem.”

Aqui, finalmente, encontram-se clareza e correção, conservando-se o sentido original.

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 16

De acordo com o padrão culto é o mesmo que dizer: respeitando as regras gramaticais.

“16. A frase que está totalmente de acordo com o padrão culto é:”

Alternativa (A) - INCORRETA

“(A) Vossa Senhoria, senhor Ministro, poderíeis me receber amanhã em audiência, para que lhe entregue pessoalmente meu projeto?”

I) Só se usam pronomes de tratamento com formas verbais na terceira pessoa, seja do singular, seja do plural. Aqui, usou-se a forma “poderíeis”, da 2ª pessoa do plural, e isso é errado.

II) misturaram-se as pessoas: 2ª pessoa do plural, vós, de “poderíeis”, com 3ª pessoa do singular, “lhe”. Esse pronome, como se vê, está expresso na frase dessa alternativa.

Alternativa (B) - INCORRETA

“(B) Ele é ambidestro, sabe até desenhar com ambas mãos, mas jamais quiz colocar sua habilidade em evidência.”

I) Escrever ou dizer “ambas mãos” é errado. O certo é com o artigo: “ambas as mãos”.

II) O verbo é “quis” com “s”. Não existe nenhuma forma verbal do verbo querer escrita com “z”, porém todas são escritas com “s”: quisermos, quisertes, quiseram etc.

Alternativa (D) - INCORRETA

“(D) Essas pinturas são consideradas as maiores obras-de-artes do período, mas nada tem haver com a temática que você quer estudar.”

I) O substantivo composto “obras-de-artes” está escrito errado. O certo é “obras-de-arte”. Quando o substantivo composto contiver preposição, varia somente o primeiro elemento. Exemplos: joões-de-barro, pés-de-moleque, mulas-sem-cabeça, pores-de-sol etc.

II) Escrever “nada tem haver” é muito feio e errado. O bonito e correto é “nada tem a ver”.

III) Falta o acento da 3ª pessoa do plural “têm”.

Alternativa (E) - INCORRETA

“(E) Ela vivia dizendo “Eu mesmo desenho meu futuro”, mas essa era uma forma dela ocultar sua relação mau resolvida com os pais.”

I) Se é “ela” que vivia dizendo, deveria dizer corretamente, no feminino, eu “mesma”.

II) Quem escreve “era uma forma dela ocultar” também deve escrever “era uma forma deu ocultar”. O erro está no fato de que *não existe sujeito preposicionado*. Muita gente diz: “É hora da onça beber água.”, quando o correto seria: “É hora de a onça beber água.”. Em tempo, escreve, corretamente, quem assim escreve:

“era uma forma de ela ocultar”

“era uma forma de eu ocultar”.

III) O advérbio é “mal” e o adjetivo é “mau”. Se a palavra está associada ao verbo, que, no nosso caso, é “resolver”, só pode ser advérbio. Então, é “mal” o correto.

Alternativa (C) - **CORRETA**

“(C) Queria sair com nós três, não sei bem por quê; talvez haja assuntos sobre os quais ela queira nos colocar a par.”

Aqui, tudo está uma beleza!

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 17

“17. A frase que está pontuada de acordo com os preceitos da gramática é:”

Alternativa (A) - INCORRETA

“(A) Mas é preciso ver nos textos, como o autor apresenta a relação de conciliação essencial entre a consciência cristã; e as práticas de eficácia temporal.”

I) Faltou a vírgula antes do adjunto adverbial de lugar “no texto”, a fim de intercalá-lo corretamente na frase, que deveria ser assim escrita com acerto:

“Mas é preciso ver, nos textos, como o autor apresenta a relação de conciliação ...”

Se mantivermos a vírgula, conforme se apresenta na alternativa em análise, acabaríamos cometendo o erro de separar, por vírgula, o sujeito de seu predicado. O sujeito é toda a frase “ver como o autor apresenta a relação de conciliação essencial entre a consciência cristã; e as práticas de eficácia temporal”, e o predicativo é “é preciso”.

II) Na expressão “entre isso e aquilo” não pode haver nenhum sinal de pontuação separando “entre” do “e”. Assim, escreve-se de modo certo:

“... conciliação essencial entre a consciência cristã e as práticas de eficácia temporal.”

(O sublinhado não faz parte da redação. É só destaque para melhor entendimento.)

Alternativa (B) - INCORRETA

“(B) Pois bem: se ele não os induziu a responderem, o que desejava que fosse respondido; o que é que ele fez?”

I) Depois da expressão inicial “Pois bem” deverá haver vírgula e não dois pontos. Veja, na gramática, o que a regra diz para o uso dos dois pontos.

“Pois bem, se ele não os induziu ...”

II) O infinitivo, regido das preposições “a” ou “de”, não deve ser flexionado, quando formar locução com o verbo imediatamente anterior. O correto seria:

“não os induziu a responder”.

Outros exemplos:

Continuas a rir do azar.

Elas acabam de sair.

III) Não se separa o verbo de seu complemento. Logo, devemos escrever:

“... induziu a responderem o que desejava ...”

IV) É aconselhável o uso da vírgula em vez do ponto-e-vírgula:

“...fosse respondido, o que é que ele fez?”

Alternativa (C) - INCORRETA

“(C) Basta então, que se conheçam as normas de organização social do período para que sejam compreendidas, em suas minúcias os atritos delas decorrentes.”

I) A palavra “então”, no interior da frase, deve sempre ficar entre vírgulas. É o correto. Além do mais, o verbo “basta” não pode ficar isolado de seu sujeito, que é a oração “que se conheçam as normas de organização social do período”. Escrevamos, pois:

“Basta, então, que se conheçam as normas ...”

II) As expressões adverbiais devem ser intercaladas na frase, e isso se faz com o uso de duas vírgulas e não de uma só. Então, escreve-se com acerto:

“...para que sejam compreendidos, em suas minúcias, os atritos delas decorrentes.”

Observação: No item “II”, imediatamente acima, alteramos o gênero da palavra “compreendidos” cujo “o” final sublinhamos para melhor compreensão. Acreditamos que tal inadequação tenha ocorrido involuntariamente no caderno de provas da FCC, por erro de digitação. Isso acontece!

Alternativa (E) - INCORRETA

“(E) A ação deles é, portanto, embora pouco divulgada, digna de reconhecimento, dos que os apoiaram nas mais diversas, circunstâncias.”

I) Não se isola o termo regente de seu complemento. Logo, deve ser escrito sem vírgula:

“...digna de reconhecimento dos que os apoiaram ...”

II) Não se usa vírgula “dentro” de uma expressão que representa um adjunto adverbial. Escreve-se, pois, sem vírgula:

“...apoiaram nas mais diversas circunstâncias.”

Alternativa (D) - **CORRETA**

“(D) As histórias relatadas nos seus romances iniciais – que se distinguem, sensivelmente, dos relatos mais recentes – são, na sua maioria, fruto da influência da cultura irlandesa.”

Aqui, tudo beleza!

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 18

“18. A frase em que a forma destacada está apropriada às normas gramaticais é:”

Alternativa (B) - INCORRETA

“(B) Quem disse que ele constroe toda essa argumentação sem apoio de advogados?”

A 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo construir é “constrói”, com “i” final. Neste ponto, sugerimos ao leitor adquirir o hábito de conjugar, nos tempos simples, uns dois verbos “concurativos” por dia. Concurativos são aqueles, comumente, exigidos em concursos públicos como, por exemplo, dar, haver, por, vir, ir e alguns de seus derivados. Também, alguns terminados em “iar”, “uar e “uir” como mediar, efetuar e construir. É só *ficar de olho* nas provas e observar quais os verbos mais exigidos.

Alternativa (C) - INCORRETA

“(C) Isso não é pertinente com os fins a que você visa com seu projeto.”

O problema aqui é com a regência nominal da palavra “pertinente”. “Pertinente” une-se ao seu complemento por meio da preposição “a”. Escreve-se, portanto:

“Isso não é pertinente aos fins a que você visa com seu projeto.”

Alternativa (D) – INCORRETA

“(D) Eles enganam-se a si próprios, persuadidos que tudo está sendo feito em busca da paz.”

Outro caso de regência. Ainda bem que não é caso de polícia. As preposições regidas por “persuadidos” são “a” ou “de”. A escolha da preposição adequada irá depender do contexto. Quando, depois do verbo, ocorre a partícula “que”, é obrigatório o uso da preposição “de”. Exemplos (sem e com a partícula “que”):

“Os concurreseiros foram persuadidos a estudar regência.”

“Os concurreseiros foram persuadidos de que o estudo da regência lhes garante alguns pontos no concurso.”

Então:

“Eles enganam-se a si próprios, persuadidos de que tudo está sendo feito em busca da paz.”

Alternativa (E) - INCORRETA

“(E) Espero que ele medie a reunião com a isenção de espírito de que todos necessitamos.”

A forma correta do verbo “mediar”, na terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo é “medeie”. Forma-se o presente do subjuntivo a partir da 1ª pessoa do presente do indicativo, sem o “o” final. Agora, quando a situação é irregular, ou melhor, o verbo é irregular, a coisa muda.

Presente do indicativo: *medeio, medeias, medeia, mediamos mediais, medeiam.*

Medeio – o = **medei**. Agora, é só acrescentar a essa forma verbal as desinências próprias do presente do subjuntivo, que são: *e, es, e, emos, eis, em.*

Presente do subjuntivo: *medeie, medeies, medeie, mediemos, medieis, medeiem.*

Observe a irregularidade desse verbo nas formas rizotônicas (em que a sílaba pronunciada com mais força está no radical). Se o leitor tiver dificuldade no entendimento dessa alternativa, recomenda-se a revisão do estudo dos tempos primitivos e derivados, e tudo ficará muito claro. Deixamos de nos aprofundar em temas de gramática pelo fato de tal assunto fugir ao escopo deste trabalho.

Alternativa (A) - CORRETA

“(A) Congregou-os o mesmo sincero desejo de fazer algo relevante pela comunidade.”

Aqui, tudo bem. O verbo exige o pronome correspondente ao seu objeto direto “os”. Sem mais comentários.

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 19

“19. A frase que está corretamente redigida é:”

Alternativa (A) - INCORRETA

“(A) Naquele ambiente taciturno, é como se, a cada passo, descobrimos uma possibilidade longínqua de sair ilesos.”

A partícula “se”, que cria a situação hipotética, confirmada pela palavra *possibilidade*, exige a forma verbal no pretérito imperfeito do subjuntivo, ficando, assim, a redação correta:

“Naquele ambiente taciturno, é como se, a cada passo, descobríssemos uma possibilidade longínqua de sair ilesos.”

Alternativa (B) – INCORRETA

“(B) Acompanhei os noticiários, e, pelo o que está se vendo, muitos não chegarão onde desejam no horário previsto. ”

I) Há artigos demais em “... pelo o ...”. “Pelo” já é contração da preposição “por” com o artigo “o”. Desse modo, “pelo” não deve ser seguido de artigo extra.

II) Para chegar bem é bom chegar acompanhado da preposição “a”. Então, deve-se escrever:

“...muitos não chegarão aonde desejam ...” (foi trocado o “onde” por “aonde”)

Alternativa (C) - INCORRETA

“(C) Aquele era o hotel onde costumava frequentar durante o período que não conhecia problemas financeiros. ”

I) A palavra “onde” não substitui pronome relativo. Nesse caso, usa-se o pronome “que”, ficando a frase escrita assim:

“Aquele era o hotel, que costumava frequentar ...”

Observe que as duas orações iniciais são separadas por vírgula!

II) Na oração seguinte, há necessidade da preposição em, antes do pronome “que”, para indicar tempo ou período transcorrido. Observe também que, se não for suprida a necessidade referida, o verbo da oração “conhecia” pode, por ambiguidade, ter o pronome “que”, representando o período, como sujeito. E isso é um tremendo erro. Porém, ao colocar-se a preposição “em” como se disse, antes, não daremos margem para esse erro. Eis a frase redigida com correção:

“... durante o período em que não conhecia problemas financeiros.”

Alternativa (D) - INCORRETA

“(D) Os detalhes eram tão minuciosamente apresentados, que o leitor chega ter acesso até a informação de qual das mãos segurava a taça de champanhe. ”

I) Os elementos das locuções adverbiais, ou de outra locução qualquer, não podem ser separados por vírgula. O correto é escrever:

“Os detalhes eram tão minuciosamente apresentados que o leitor ...”

Neste caso, a locução a que nos referimos é: “tão ... que”. Essa é uma locução adverbial que exprime intensidade em relação “a forma verbal “apresentados”.

II) A expressão “chega ter” é condenável. O correto é “chega **a** ter”.

III) Acesso, pra valer, só se tem com a preposição “a”. Sem ela, não se acessa **a** nada! Veja como a frase deve ficar escrita:

“...o leitor chega ter acesso até **à** informação ...”

Note que o vocábulo “até” é totalmente dispensável nessa frase. Essa palavrinha desnecessária está ali pra confundir os incautos. A sua única função é indicar extensão, intensidade, abrangência do acesso, porém não rege nem é regida por esta palavra.

Alternativa (E) - **CORRETA**

“(E) A maneira como os bilhetes foram escritos não deixará dúvidas acerca do que deve ser feito, sob a responsabilidade seja de quem for. ”

Essa alternativa está impecável, do ponto de vista de redação.

0o0-0o0-0o0

QUESTÃO 20

“20. A concordância está totalmente de acordo com a norma padrão da língua em:”

Alternativa (A) - INCORRETA

“(A) Acredito que as orientações dele, porque parecem pouco claro, não terão de serem seguidas antes de um esclarecimento maior.”

Concentremo-nos, primeiramente, na oração intercalada “porque parecem pouco claro”. O sujeito de “parecem” é “orientações”. Então, vamos reescrever a oração, explicitando o seu sujeito:

“As orientações parecem pouco claro.”

Vê-se, agora, que o problema está na concordância do predicativo, “claro”, com seu sujeito, “orientações”. Quanto ao verbo “parecem”, dizemos que ele só serve para ligar esses dois termos (sujeito e predicativo). Trata-se de um verbo de ligação. Como o predicativo deve concordar sempre com o sujeito ao qual se refere, a frase, com a concordância correta, ficaria:

“porque parecem pouco **claras**”.

Em continuação, percebemos excesso de flexão verbal. Quando o infinitivo, que forma locução verbal, tem o mesmo sujeito, em regra, esse infinitivo é usado em sua forma não-flexionada. Assim, em vez de “as orientações ... não terão de serem seguidas”, escreve-se “as orientações ... não terão de ser seguidas”. Veja outros exemplos que seguem:

*Evita dizer o que não **podes** explicar.* (E não: *Evita dizeres o que não **podes** explicares.*)

Queremos chegar lá antes do anoitecer. (E não: *Queremos chegarmos lá antes do anoitecer.*)

*Devemos pelas nossas oportunidades **dar** glória a Deus.* (E não: *Devemos pelas nossas oportunidades **darmos** glória a Deus.*)

*Se nos esforçarmos, **temos** que vencer.* (E não: *Se nos esforçarmos, **temos** que venceremos.*)

Para encerrar os comentários sobre esta alternativa, deve-se esclarecer que se o *esclarecimento* não é o que se deseja, pedem-se outros que sejam *melhores* e, não, *maiores*. Tamanho, aqui, não é importante, mas, sim, qualidade. Então, escreve-se “... antes de um esclarecimento melhor.”

Alternativa (C) - INCORRETA

“(C) Elas se consideram responsável pelo erro e julgaram legítimo as cobranças que lhe serão feitas de agora em diante.”

Aqui ocorre uma sucessão de erros.

I) “Elas se consideram responsável...” é uma oração em que o verbo é de ligação. Já sabemos que nesse tipo de oração o predicativo “responsável” deve concordar com seu sujeito “Elas”. Então, o correto seria escrever:

“Elas se consideram responsáveis...”

II) “...e julgaram legítimo as cobranças ...”. O sujeito de “julgaram”, na oração acima, é “Elas”. Até aqui, tudo correto. O problema vem agora. Só que, para facilitar o entendimento, vamos, antes, colocar a oração em ordem direta:

“... e julgaram as cobranças legítimo ...”

Bem, “cobranças” é complemento (objeto direto) do verbo “julgaram”. Observe, agora, que “legítimo” é predicativo de “cobranças”, e bem sabemos que o predicativo deve concordar com o termo ao qual se refere, seja esse termo um sujeito ou um objeto. Logo, a oração em análise deve ser escrita dessa forma:

“... e julgaram legítimas as cobranças ...”

III) “... que lhe serão feitas de agora em diante.”

O erro, aqui, está na concordância do pronome “lhe” com o nome “Elas”. Os pronomes servem para substituir nomes. A redação correta é:

“... que lhes serão feitas de agora em diante.”

Alternativa (D) - INCORRETA

“(D) Dado as contingências do momento, os diretores houveram por bem atender aos prazos, e prometeram reavaliar, tanto quanto fossem, as demais exigências do contrato.”

I) A palavra “dado” sempre concorda com o nome ao qual se liga. Portanto, escreve-se:

“Dadas as contingências do momento ...”

II) A locução reduzida “tanto quanto fosse” é invariável. A expressão completa seria “tanto quanto fosse possível”, “tanto quanto fosse permitido” ou equivalente. Assim, a redação correta será:

“... reavaliar, tanto quanto fosse, as demais ...”

Alternativa (E) - INCORRETA

“(E) Devem fazer mais de três meses que não os vejo; tantos dias de afastamento poderia ser entendido como descaso, mas quero dizer que lhes dedico muito afeto.”

I) O verbo “fazer” na indicação de transcurso de tempo é impessoal, isto é, não varia para concordar com termo algum da oração. Se for usado numa locução, ele transmite sua impessoalidade ao verbo auxiliar. Exemplos:

Faz três anos que passei no concurso.

Precisou fazer dez anos para que ela se esquecesse de mim.

Então, a frase da alternativa em questão será assim escrita:

“Deve fazer mais de três meses ...”

II) O verbo (neste caso, uma locução verbal) “poderia ser entendido” deve concordar com seu sujeito:

“poderiam ser entendidos”

Cuidado! A referência continua sendo o tempo (dias), porém o verbo, aqui, não é haver, e, sim, “entender”, na voz passiva.

A oração completa seria redigida corretamente da seguinte maneira:

“Deve fazer mais de três meses que não os vejo; tantos dias de afastamento poderiam ser entendidos como descaso, mas quero dizer que lhes dedico muito afeto.”

Alternativa (B) - **CORRETA**

“(B) Considerou digna de ser encaminhada a julgamento dos avaliadores a última versão do projeto-piloto, pois, se podem existir fragilidades, elas certamente hão de ser mínimas.”

Sem comentários quanto a sua redação.

F I M